

BNCC, transversalidade, meio ambiente e ensino de história: elementos para um diálogo entre história e a pedagogia

Mônica Andrade Modesto¹

Resumo: No mundo contemporâneo, onde se percebe uma tendência para o desvencilhamento da forma fragmentada de produzir conhecimento, a demarcação de fronteiras entre campos de estudo torna-se impertinente e limitadora da compreensão do mundo e da aplicabilidade do conhecimento científico na vida prática. Diante dessa reflexão e a partir de uma análise da Base Nacional Comum Curricular, no tocante ao ensino de história para os anos iniciais, o presente artigo objetiva refletir sobre as possibilidades de diálogo entre a História e a Pedagogia no processo de formação docente, buscando demonstrar que é possível e necessário transcender essas fronteiras. Os resultados apontaram que, em nome de uma aprendizagem histórica adequada na Educação Básica, faz-se mister que as dessemelhanças entre as áreas mencionadas sejam vencidas e que compreendamos a transversalidade como uma possibilidade para isso, conforme aqui se exemplifica com o tema Meio Ambiente.

Palavras-chave: Ensino de História para os Anos Iniciais. Formação Docente. Pedagogia. Meio Ambiente. Transversalidade.

BNCC, transversality, environment and history teaching: elements for a dialogue between history and pedagogy

Abstract: In the contemporary world, where it is perceived a tendency for a disengagement of the fragmented way of producing knowledge, the boundaries demarcated between the study fields became impertinent and limiting to the understanding of the world and the applicability of scientific knowledge in practical life. From this speculation and the analysis of the Base Nacional Comum Curricular, regarding the History teaching in the early school years, the present paper aims to investigate about the possibilities of dialogue between History and pedagogy in the teacher training process, searching to demonstrate it is possible and necessary to transcend these boundaries. The results shown, in the name of an adequate History learning in the basic education, it is required to surpass the differences between the mentioned fields and comprehend the transversality as a possible path, as this paper exemplifies with environment as a theme.

Keywords: History Teaching in the Early School Years. Teacher Training. Pedagogy. Environment. Transversality.

Artigo recebido em 17/04/2018 e aceito em 10/07/2018

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

Considerações iniciais e demarcação do campo de estudo

No campo da História, o ensino de história é um tema que vem ganhando espaço para discussões em eventos, periódicos, livros e nos currículos de licenciatura que estruturam a formação docente relativa a essa área de ensino a partir da década de 1980, com a redemocratização do país, conforme apontam Schmidt e Cainelli^{II}. Aos poucos, grupos de estudos relacionados ao ensino de história começaram a se estruturar nos estados e o debate ganhou um espaço mais amplo de diálogo a partir de 2013, com a criação do Grupo de Trabalho Ensino de História e Educação na Associação Nacional de História (ANPUH).

Apesar disso, as discussões sobre o ensino de história para os anos iniciais do Ensino Fundamental ainda são escassas e observa-se a existência de uma fronteira dialógica entre a formação docente em História e em Pedagogia. De um lado, tem-se a primeira licenciatura como campo voltado para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio e, do outro, uma licenciatura voltada para a Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Porém, a História, na condição de disciplina, atravessa toda a formação que compreende a Educação Básica do sujeito.

Verifica-se um potencial espaço de discussão entre ambas as áreas quando as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia^{III} estabelecem no item i, inciso primeiro, artigo sexto, que o pedagogo deverá estar apto a trabalhar didaticamente com conteúdos relativos à História e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de História^{IV} definem como competências e habilidades da licenciatura o domínio dos conteúdos básicos do ensino fundamental e médio e o domínio de métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transmissão do conhecimento para os diferentes níveis de ensino. Uma licenciatura poderia subsidiar a outra, visto que a Pedagogia tem, em seu cerne, a didática requerida pela História e essa, por sua vez, traz, no bojo de sua constituição, os conteúdos necessários para a promoção de aprendizagem histórica exigida pela Pedagogia.

Todavia, apesar dessa possível articulação, em conformidade com o pensamento de Oliveira^V, o que se tem observado é não só um desinteresse de grande parte dos historiadores pelo processo da aprendizagem histórica das crianças, como também uma falta de preocupação com a formação da área alheia. Do mesmo modo, há a falta de interesse dos pedagogos em subsidiar a formação didática de profissionais de outras áreas, pois, segundo a autora,

Nos currículos de ambos os cursos há lacunas, principalmente, quanto às metas do ensino de História para as séries iniciais. Mesmo quando as disciplinas denominadas *pedagógicas* são ministradas nos cursos de Pedagogia ou as disciplinas de Ensino de História são ministradas por historiadores, verifica-se total desarticulação. Os docentes do curso de História não estão preocupados com a formação do pedagogo e, vice-versa.^{VI}

Ora, se as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos^{VII} asseguram que o aprendizado de História deve ser iniciado ainda nos primeiros três anos do Ensino Fundamental e agora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza que nesse mesmo período de escolaridade deve prevalecer a abordagem de um “sujeito coletivo mais desenraizado, seja por contingências históricas, seja, ainda, em

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

razão de viver em uma época em que se buscam múltiplos referenciais identitários que questionam as antigas construções do ideário do Estado-nação^{VIII}, é inaceitável essa fronteira demarcada entre a História e a Pedagogia.

Nessa direção, pensar o ensino de história nos anos iniciais ou nos anos finais da Educação Básica, implica considerar a aprendizagem histórica dos alunos e refletir sobre a formação de professores na era contemporânea, pois esse é o denominador comum que perpassa todas as licenciaturas. Desse modo, implica pensar em uma formação que vai para muito além da didática e da metodologia do ensino, tendo em vista os desafios complexos que vêm sendo enredados na sociedade e, diante disso, precisamos ter professores preparados para enfrentar esses desafios.

Uma possibilidade para o diálogo entre as áreas supramencionadas é a transversalidade do ensino, um processo de desnaturalização da estrutura cômoda – no sentido de comodidade – que é o engavetamento dos conhecimentos e dos saberes que concebe a mente humana como uma cômoda, móvel utilizado para engavetar separadamente pertences. De acordo com Freitas Neto^{IX}, a transversalidade se apresenta como “uma proposta que ultrapassa a fragmentação dos conteúdos e disciplinas, prevendo um trabalho cujo conhecimento seja construído em função dos temas e propostas apresentados.” Os temas aos quais o autor se refere são os elencados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: ética, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual e meio ambiente. Esse último será o tema sobre o qual este escrito se debruçará, observando a sua abordagem no ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A escolha por esse tema se justifica no entendimento de que os homens são sujeitos culturais capazes de significar o mundo ao seu redor e de agir de modo a transformá-lo em favor de seu conforto e da satisfação de seu ego e, em razão disso, exploram o ambiente de forma extrapolada^X. Pensar a História implica pensar o mundo e refletir que esse mundo, espaço no qual habitamos, não está a nosso serviço, mas nós e o mundo estamos em situação de inter-relação e interdependência.

Portanto, ensinar História é discutir sobre a transformação do ambiente que não começou a ser transformado agora, já que vemos e sentimos cotidianamente os efeitos de tantas mudanças. Na verdade, o que temos acompanhado é somente a ponta que resta de um *iceberg* de devastação que, historicamente, vem derretendo e essa dissolução tem acarretado ainda mais aquecimento global, mudanças climáticas, desastres ambientais, extinção de espécies, miséria, desigualdade social e violência expressiva.

Diante desse prelúdio, o presente artigo, tomando como foco o ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vislumbra então refletir sobre a necessidade do diálogo entre a História e a Pedagogia, entendendo a transversalidade como um elemento convergente para esse diálogo. Como caminhos para essa reflexão, elenca-se o tema Meio Ambiente como possibilidade apontada para que a convergência entre as duas áreas possa acontecer, embasando-se nas proposições contidas na BNCC.

Para tanto, o estudo ancora-se nos pressupostos da aprendizagem histórica, da História Cultural, da transversalidade do ensino, bem como nas premissas da formação docente no contexto da Contemporaneidade, fazendo alusão ao paradigma da complexidade, e, em uma análise sobre a transversalidade no ensino de história para os anos iniciais a partir da Base Nacional Comum Curricular, toma como referência o tema Meio Ambiente para conjecturar que as fronteiras entre a História e a Pedagogia podem ser transcendidas.

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

A escrita perpassa por uma abordagem qualitativa e, metodologicamente, fundamenta-se nos princípios do método da Análise de Conteúdo elaborado por Bardin^{XI}, que tem como objetivo a descrição objetiva e sistemática do conteúdo analisado a partir de uma pré-análise e categorização dos elementos observados para a análise documental.

Confluências entre História e Pedagogia nos anos iniciais do Ensino Fundamental

A educação básica, principalmente no que concerne aos anos iniciais do Ensino Fundamental, assegura aos alunos a garantia de aprendizagem e de um desenvolvimento pleno, que atente para as diversidades social, cultural e individual dos alunos por meio de uma proposta da transversalidade do ensino^{XII}. Sendo assim, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos devem assimilar, ainda que de forma tácita, a ideia de que o cotidiano não está presente em uma ou outra disciplina, mas em todo o processo educativo.

Decerto, é manifesto nos documentos que norteiam o Ensino Fundamental, que a ênfase maior nos anos iniciais deve ser direcionada à alfabetização e ao letramento e à alfabetização matemática, contudo, defende-se o pensamento de que um sujeito somente será capaz de aprender a ler, a escrever e a resolver desafios matemáticos se ele considerar a sua realidade, a sua história, a história da qual faz parte. Afinal, sem a compreensão histórica dos elementos, ele estará apenas decodificando signos e, como disse Paulo Freire^{XIII}, aprender é muito mais que isso; aprender é saber ler o mundo, um mundo que hoje pode ser o que rodeia a criança, amanhã pode ser um mais distante e, com o passar do tempo, o mundo desse ser já não será mais limitado a fronteiras.

Por conseguinte, entende-se por aprendizagem histórica a

(...) possibilidade de internalização de determinada consciência histórica pelos sujeitos, podemos tanto falar em internalizar para manter e conservar, como também falar na possibilidade de internalização como subjetivação (interiorização mais ação dos sujeitos), com vistas às intervenções e transformações na vida prática. Assim, seja em função da manutenção ou à mudança de uma determinada concepção de mundo, se coloca como fundamental a necessidade de modificar, de maneira duradoura e concreta, modos de internalização do conhecimento, historicamente existentes, desafiando as formas atualmente dominantes de cognição, consolidadas em favor do capital.^{XIV}

Sendo a aprendizagem histórica uma internalização da consciência histórica que pode ser assimilada com vistas a manter ou a transformar a vida prática através das ações dos sujeitos, entende-se que a História anda de mãos dadas com o poder (entendido aqui no campo do poder simbólico), sobremaneira, na era contemporânea, em que não existe mais uma grande história consagrada de personagens ilustres, mas sim múltiplas histórias.

Porém, um fator limitador para que essa aprendizagem histórica comece a acontecer nos anos iniciais do Ensino Fundamental é a fragilidade da formação docente dos pedagogos no que diz respeito ao campo do ensino de história. Na era contemporânea, em que emerge o paradigma da complexidade, no qual a transversalidade é uma proposta contra hegemônica que representa uma possibilidade de transição do paradigma simplificador em direção à complexidade da formação e a necessidade de superar a estrutura fragmentadora da formação que o paradigma

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

simplificador incutiu nos processos de ensino durante a Modernidade^{XV}, torna-se inconcebível a promoção de um ensino de história que corrobore com a “abordagem a-histórica, manipuladora, de solução de problemas, que se vale de modelos e dispositivos mecânicos”^{XVI} para reforçar a ideia de que o passado é um modelo para o presente e para o futuro.

Considerando as asserções de Falcon^{XVII}, reflete-se sobre a História e elenca-se como eixo de pensamento para este artigo o entendimento burkeano, que a compreende como um campo de estudo que tem como interesse a atividade humana, a narrativa dos acontecimentos, a análise das estruturas que ocasionam fatos, o entendimento de que todos têm uma história e de que, para se fazer História, devem ser consideradas as representações sociais dos indivíduos^{XVIII}

Tal entendimento de Peter Burke^{XIX} é fruto de seus estudos sobre a Escola dos *Annales*, proposta francesa empreendida a partir de 1929, que tinha como objetivo combater o paradigma factual ou “historizante” consolidado no século XIX, voltando a escrita da História para uma proposta apoiada em uma multiplicidade de fontes, que observa e considera a abrangência da atividade humana. Nesse sentido, Burke procura fortalecer o ideário acerca da História Cultural a partir da evolução desse movimento e das mudanças que trouxe para a escrita da História durante o século XX. Diante dessa perspectiva, lançam-se novos olhares sobre o tempo, o espaço e o homem, oportunizando a abertura para o diálogo entre a História e as outras áreas, o que leva a depreender que a História é uma ciência de caráter transversal, à medida que perpassa por todos os objetos de estudo, uma vez que não há objetos e/ou estudos que sejam a-históricos.

Logo, como afirmava Braudel^{XX}, pensar História significa também pensar em tudo o que envolve o ser humano, afinal, História é um movimento orquestrado e, outrossim, lembra uma sincronia entre o complexo de relações que principiam a identidade e a cultura dos seres humanos e refletem-se na composição da História. Utilizando-se dessa compreensão, o ensino de história, à luz da História Cultural, é um campo propício para discussões transversais que integram as problemáticas sociais aos conteúdos disciplinares.

Esse campo é capaz de promover elos com conteúdos de outras disciplinas e de suscitar nos alunos a percepção da sua posição e do seu papel na sociedade em que vivem, frente aos conhecimentos adquiridos sobre o passado. Além disso, é capaz de oportunizar a construção de valores, a sensibilização, a conscientização e a emancipação dos sujeitos na relação homem-natureza, visto que essa abordagem histórica se constituiu como um campo multi e interdisciplinar, como já antecipavam Marc Bloch e Fernand Braudel, quando escreveram as insígnias obras *Introdução à História* e *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, respectivamente, conforme aponta Bittencourt^{XXI}.

Considerando esse pensamento e que a História tem papel significativo em “situar o papel do homem no processo de transformação da natureza, assim como dimensionar, para além do tempo presente, os limites e o poder das ações humanas”^{XXII}, verifica-se que é fundamental compreender essa ciência para compreender-se no mundo. Assim, o ensino de história constitui-se um elemento do processo educacional que tem como função “a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes social e coletiva”^{XXIII}. Dessa maneira, não pode ser compreendido de forma dissociada da formação cidadã e da concepção de cidadania planetária, isto é, de uma formação que

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

leve o sujeito a compreender que ele está inserido em um determinado espaço, mas que esse espaço não se resume ao local, ele é interdependente de um espaço global. E aqui mais uma vez cabe menção ao mote que enceta este escrito.

Por isso, a consciência de que é preciso pensar, conhecer o local para agir de forma global, bem como conhecer o global para agir de forma local e assim tornar-se um cidadão integral^{XXIV} é necessária e a História, ao expor os acontecimentos históricos e considerá-los no tempo e no espaço, mostra-se capaz de suscitar nos alunos a percepção crítica das consequências ambientais, políticas, culturais, sociais que deles advieram.

Tomados por essa percepção, os alunos estarão aptos para entender e para buscar informações relacionadas às transformações do planeta e aos riscos que ele corre devido à insustentabilidade dos modos de vida humanos; bem como para questionarem essas transformações e buscarem alternativas para a mitigação dos impactos oriundos delas; para perceberem-se como elementos causadores e sofredores das questões ambientais; para sentirem-se integrantes do meio e, por conseguinte, da História.

Segundo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais^{XXV} e agora também da Base Nacional Comum Curricular^{XXVI}, o tema transversal Meio Ambiente deve ser abordado ao longo de todos os anos do Ensino Fundamental, em todas as áreas do conhecimento. No que se refere ao ensino de história, a ênfase é o trabalho do tema atrelado à compreensão histórica da realidade em que os alunos vivem para que seja oportunizada a conscientização e sensibilização da problemática ambiental e a formação de cidadãos de caráter planetário que têm uma consciência crítica e percebem-se como agentes transformadores. Entretanto, essa compreensão de que a aprendizagem histórica e a transversalidade são elementos potencializadores para o diálogo entre a História e a Pedagogia é, por vezes, negligenciada pela fragilidade da formação docente.

A formação do pedagogo e as limitações quanto ao ensino de história

O ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental, lecionado pelo pedagogo, é assegurado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia^{XXVII} que, no artigo quinto, estabelece que esse profissional, ao término de sua formação inicial, deverá estar apto para ensinar, de forma interdisciplinar e adequada, todas as disciplinas que compõem o currículo relativo a esse período da Educação Básica. Em contrapartida, esse mesmo documento define que o currículo do referido curso deve ser composto por três núcleos: a) estudos básicos; b) aprofundamento e diversificação de estudos; c) estudos integradores, sendo que o componente curricular voltado para a didática do ensino de história inclui-se no primeiro núcleo.

Em que pese essa orientação, o que se observa é que em muitos currículos é destinada uma carga horária muito pequena para o ensino de história, constando apenas uma disciplina, e, em muitos casos, essa disciplina é dividida com o ensino de geografia. Cabe ressaltar que no ensino de história, a abordagem da teoria é necessária para possibilitar o desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino coerentes que serão utilizadas pelos futuros professores, visto que essa disciplina é voltada para o campo da didática e tem como desdobramento a orientação metodológica sobre como ensinar história. Essa relação entre teoria e método não pode ser pensada de maneira dicotômica, visto que não pode haver uma escolha metodológica que não carregue em si uma abordagem teórica e vice-versa.

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

No caso específico do ensino de história para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a aprendizagem de estratégias metodológicas deve estar respaldada na compreensão de que o trabalho com os alunos dessas séries precisa abordar a História considerando as condições cognitivas dos sujeitos, por isso, os futuros professores precisam ser orientados quanto à elaboração de estratégias adequadas para o público-alvo ao qual se destina a sua formação.

Retomando a discussão levantada por Oliveira^{xxviii}, é nesse ponto que reside uma limitação. Se a disciplina sobre ensino de história para os anos iniciais é ofertada para o aluno de Pedagogia por um historiador, dificilmente esse profissional irá abordar conteúdos relacionados à infância e às teorias da aprendizagem junto aos conceitos da História e não o fará não somente por conta de sua formação em outra área, mas também, por conta da curta carga horária da disciplina. Já quando a disciplina é ministrada por um profissional do campo da Educação, as lacunas que se apresentam são em relação aos conceitos da História.

Desse modo, aprender a reconhecer os conceitos históricos e refletir sobre eles nos currículos escolares da Educação Básica, bem como nos livros adotados no curso de Pedagogia é um caminho para a promoção de um ensino de história para crianças, que aborde, frente às discussões abertas nessa disciplina, aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais, locais e ambientais.

Com a entrada em vigor da Base Nacional Comum Curricular, que vai incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a preservação do meio ambiente como um tema transversal e integrador de todas as disciplinas, far-se-á ainda mais necessário que os professores estejam aptos para trabalhar transversalmente com esse tema e, de modo específico aqui, os pedagogos.

Transversalidade, ensino de história nos anos iniciais e meio ambiente na BNCC

De acordo com as disposições da Base Nacional Comum Curricular, o ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental deverá enfatizar, ao longo dos cinco anos, o reconhecimento do sujeito enquanto um ser que é individual e coletivo na vida em sociedade; a diferenciação entre os aspectos da vida urbana e rural e da vida pública e privada; noções de lugar, tempo e espaço; reconhecimento de fontes históricas; noções de cidadania e diversidade cultural dos povos.

Partindo de um movimento que se inicia na perspectiva micro e, gradativamente, vai se ampliando para a perspectiva macro, a BNCC ratifica que ao final dessa etapa, ou seja, no 5º ano, os alunos devem estar preparados para os desafios do mundo contemporâneo e, para tanto, devem reconhecer-se como um sujeito histórico, que compreende o efeito das contingências históricas (migrações) na formação das comunidades, povos e sociedade, percebendo, com isso, os múltiplos referenciais identitários que coexistem e questionando o ideário de Estado-nação, outrora construído na mente dos alunos a partir da disciplina História.

Diante dessa afirmação, verifica-se que no documento estão implícitas as premissas da corrente historiográfica da História Cultural ou, como alguns chamam, da Nova História. De acordo com Barros^{xxix}, ao se opor à História Tradicional, a Nova História se propõe a rejeitar a história dos acontecimentos e a dedicar-se à escrita de uma História que tem como fio condutor o estudo das mudanças econômicas e sociais. Nesse contexto, abre-se espaço para o reconhecimento da história das minorias e dos

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

vencidos, para a micro-história e para a visão que enxerga “de baixo para cima” , conforme defende Peter Burke^{XXX}.

Segundo Falcon^{XXXI}, a História Cultural compreende a cultura em múltiplas esferas: intelectual e material; erudita e popular; científica, filosófica e artística; a “alta cultura” (ciências, filosofia, arte, literatura) e a cultura cotidiana, chamada de senso comum. Neste ínterim, categorias teóricas como ambiente, cultura e identidade passam a ser reconhecidas como requisitos para a escrita da História. E essas mesmas categorias fazem-se presentes também na Pedagogia.

A fim de possibilitar o desenvolvimento da indicação de que, no 5º ano, os alunos devem estar preparados para os desafios do mundo contemporâneo a partir do reconhecimento de si como sujeitos históricos, o documento dividiu os conteúdos, agora denominados de objetos do conhecimento, em grandes áreas, que receberam o nome de unidades temáticas. São elas: Mundo pessoal: meu lugar no mundo e Mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo (1º ano); A comunidade e seus registros, As formas de registrar as experiências da comunidade e O trabalho e a sustentabilidade da comunidade (2º ano); As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município, O lugar em que se vive e A noção de espaço público e privado (3º ano); Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos, Circulação de pessoas, produtos e culturas e As questões históricas relativas às migrações (4º ano); Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social e Registros da história: linguagens e culturas (5º ano).

Dessa maneira, observa-se que os professores dessa etapa escolar precisarão obter o domínio de algumas categorias específicas da História para o desenvolvimento das unidades temáticas definidas pelo documento. O quadro 01 aponta os conceitos teóricos fundamentais que entremeiam as unidades temáticas e o ano em que deverão ser trabalhadas.

Quadro 01: Principais conceitos do ensino de história dos anos iniciais e sua distribuição ao longo do primeiro ciclo do Ensino Fundamental

CONCEITOS	UNIDADES TEMÁTICAS DA BNCC	ANO EM QUE DEVERÃO SER TRABALHADOS
Conceito de História	Todas	Todos
Sujeito histórico	Todas	Todos
Fontes e memória	A comunidade e seus registros; As formas de registrar as experiências da comunidade	2º ano
	Registros da História: linguagens e culturas	5º ano
Percepção da História no tempo e no espaço	Todas	Todos
Cidadania	A comunidade	2º ano
	As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o	4º ano

**BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA:
ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA**

MÔNICA ANDRADE MODESTO

	município	
Patrimônio	Noção de espaço público e privado	3º ano
	Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	4º ano
Cultura	Circulação de pessoas, produtos e culturas; Questões relativas às migrações;	4º ano
	Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	5º ano
História Ambiental	Meu lugar no mundo;	1º ano
	Trabalho e sustentabilidade da comunidade;	2º ano
	Lugar em que se vive;	3º ano
	Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos;	4º ano
	Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	5º ano

Fonte: Base Nacional Comum Curricular.

Considerando essas categorias teóricas como conceitos essenciais que o pedagogo precisa conhecer para ministrar a disciplina de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental, verifica-se a necessidade emergente do diálogo entre a História e a Pedagogia durante o curso de formação docente.

Nesse sentido, a transversalidade parece ser uma alternativa possível para o diálogo entre as duas áreas. Quando se fala em transversalidade, é comum a associação com a interdisciplinaridade, mas vale destacar que são proposições que se integram, contudo, são distintas. A interdisciplinaridade é uma abordagem metodológica que não pretende abolir nem fundir disciplinas, mesmo porque reconhece-se a importância das especificidades e dos estudos aprofundados em todas as searas do conhecimento. O que se pretende com a interdisciplinaridade é encontrar nos objetos das áreas específicas pontos comuns com outras áreas que se apresentam como potenciais para interlocuções e mediações na construção do conhecimento^{XXXII}.

Já a transversalidade é entendida como uma possibilidade de sistematização entre conhecimentos científicos e teóricos e conhecimentos da vida prática que permite ao aluno uma aprendizagem sobre a realidade^{XXXIII}. De acordo com Machado^{XXXIV}, transversalizar significa pensar a transmissão de um conhecimento integrado que utiliza

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

como princípio fundante temas que emergem da realidade e que perpassam pelas múltiplas áreas do conhecimento. Com efeito, pode-se afirmar que uma proposta transversal possibilita a leitura do mundo.

Desse modo, pensar um currículo para os cursos de Pedagogia, em que essas categorias teóricas da História estejam presentes de forma transversal ao longo de todo o processo formativo, pode ser uma alternativa para que a História se faça presente no curso. Assim, a carga de conteúdos conceituais relativos à disciplina específica de ensino de história ficará menor e poderá se dar ênfase ao caráter didático e metodológico do ensino de história para os anos iniciais.

Entende-se essa proposta como factível, pois, em consonância com as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Pedagogia, conceitos como História, Memória, Cidadania, Cultura, Tempo, Espaço, Identidade e Ambiente fazem parte dos três núcleos de estudos que compõem o referido curso. São eles: estudos básicos (com vistas à diversidade e ao multiculturalismo da sociedade brasileira, voltam-se para o ensino da reflexão e da ação pedagógica); aprofundamento e diversificação de estudos (voltam-se para as áreas de atuação profissional do pedagogo) e estudos integradores (voltados ao enriquecimento curricular com atividades de integração).

Em relação ao tema meio ambiente, apesar de o quadro 01 apontar a História Ambiental como categoria teórica, não se defende aqui que o curso de Pedagogia deva abrir um espaço curricular de discussão sobre essa área, mas que, assim como as demais categorias, ela se faça presente no currículo de maneira transversal.

Leff^{xxxv} aponta que o objeto de estudo da História Ambiental não é o ambiente, mas o homem. Bittencourt^{xxxvi}, por sua vez, defende que o objetivo desse campo de estudo é “investigar como os homens, em diferentes sociedades, ao longo dos séculos, foram afetados pelo meio ambiente e, de maneira recíproca, como o ambiente foi afetado pelos homens”. O homem, sob as lentes das suas vivências espaço-temporais intrínsecas à cultura na qual está inserido, desenvolve relações cotidianas em múltiplas esferas, que irão resultar em um protagonismo das transformações da natureza. Assim, esses elementos constituem a História e, conseqüentemente, o ensino de história.

Dessa forma, a compreensão da História Ambiental não cabe a um curso ou a uma disciplina, mas, à medida que compreende a historicidade da existência humana e suas intervenções no ambiente a partir de valores, costumes, práticas e tradições, cabe transversalmente a todo o currículo dos cursos de Pedagogia, afinal, essa discussão perpassa pelas disciplinas que compõem os três núcleos estruturantes outrora mencionados.

As unidades temáticas presentes na BNCC apresentam-se como espaços profícuos para discussões relacionadas ao ambiente e, para além das que foram destacadas no quadro 01, expõe-se que em todos os anos há condições de se promoverem essas discussões durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas referentes às unidades temáticas, haja vista a capacidade transversal e interdisciplinar do tema meio ambiente.

Posto isso, compreende-se que o tema meio ambiente é um elemento curricular que se apresenta como possibilidade para a promoção de diálogos entre os campos da História e da Pedagogia. Ressalta-se que o que está em evidência não é o estudo nem o aprofundamento de conceitos de uma ou de outra área, mas a percepção de um processo que busca romper com a dicotomia que separa o ser humano do ambiente, induzindo a uma lógica antropocêntrica de compreensão do ambiente quando, sob a égide de uma

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

visão holística, ambiente pode ser compreendido como uma rede de interações sociais entre seres vivos e não vivos inscrita nas culturas dos povos e refletidas sobre o mundo^{XXXVII}.

Considerações finais

As fronteiras de diálogo entre a História e a Pedagogia são um fator que limita bastante o desenvolvimento de pensamentos e reflexões acerca do ensino de história para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Todavia, com a evolução dos tempos, essas fronteiras estão, aos poucos, sendo transcendidas, tanto é que já existem os grupos de trabalhos sobre Ensino de história e Educação nas seções regionais e na seção nacional da ANPUH.

A partir do que vem sendo refletido pelos pesquisadores da área e diante do que aqui fora exposto sobre a necessidade de diálogo entre essas duas áreas, verifica-se que uma proposta transversal do ensino, seja na formação docente, seja na Educação Básica, apresenta-se como uma propositura exequível para as interlocuções de conceitos que, apesar de históricos, permeiam o currículo da Pedagogia.

O tema meio ambiente, diante do contexto do paradigma da complexidade, apresenta-se como um elemento potencializador para a estruturação de uma possível proposta transversal. Isso porque, conforme elencado, tratar do ambiente não implica em restringir-se a um campo específico, mas sim compreender o tema em sua amplitude. E, no tocante à História, trata-se de perceber que o objeto de estudo principal das discussões ambientais na História não é o meio propriamente dito, mas sim as ações antrópicas nele realizadas, que transformam o espaço e as culturas dos povos e seus modos de viver ao longo dos tempos. Esse objeto, apesar de estar no campo da História Ambiental, não diz respeito somente a essa área do conhecimento, mas perpassa o currículo da formação docente e, em especial, da formação do pedagogo.

A Base Nacional Comum Curricular, ao definir as Unidades Temáticas relativas ao ensino de história para os anos iniciais, ratifica a necessidade de interlocuções entre História e Pedagogia no processo de formação de professores e desvela categorias teóricas históricas fundamentais para a prática docente, o que vem a ser mais um fator que justifica que a comunicação entre as áreas deve acontecer. Porém, verificou-se que a fragilidade da formação do pedagogo quanto ao ensino de história é um aspecto importante a ser observado, pois a superficialidade das discussões relacionadas a esse campo específico nos anos iniciais deixa muitas lacunas que se refletem no ofício docente e, conseqüentemente, na aprendizagem histórica dos alunos, que fica comprometida.

Por fim, acredita-se esperançosamente que a tendência nos próximos anos é que esse diálogo entre a História e a Pedagogia não só se aproxime, ultrapasse e transcenda as fronteiras historicamente estabelecidas, em nome de uma formação que promova ao aluno uma aprendizagem histórica e crítica, pautada nos preceitos da cidadania, mas também lhe sirva como instrumento para o enfrentamento dos problemas socioambientais do mundo contemporâneo. Afinal, como conjectura Hobsbawm^{XXXVIII}, o mundo não é um lugar de usufruto e o ensino de história deve estar atento para isso.

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

-
- ^I Pedagoga. Doutoranda em Educação. Professora da rede estadual de Sergipe e do Grupo Tiradentes. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE). monicamodesto1@gmail.com
- ^{II} SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.
- ^{III} BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 2006.
- ^{IV} BRASIL. **PARECER CNE/CEB nº 492/2001**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Homologado e publicado no D.O.U. de 9/07/2001, Seção 1, Pág. 50.
- ^V OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. In: **Revista História & Ensino**. Londrina, v. 9, out. 2003, p. 259-272.
- ^{VI} Idem, (p. 264, grifo no original).
- ^{VII} BRASIL. **PARECER CNE/CEB nº 11/2010**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Homologado e publicado no D.O.U. de 9/12/2010, Seção 1, Pág. 28.
- ^{VIII} BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. p. 355.
- ^{IX} FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 59.
- ^X DUARTE, R. H. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ^{XI} BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Ltda. Lisboa. 1977.
- ^{XII} BRASIL. **PARECER CNE/CEB nº 11/2010**. Homologado e publicado no D.O.U. de 9/12/2010, Seção 1, Pág. 28. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.
- ^{XIII} FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v.15, n.42, maio-ago. 2001. p. 259-268.
- ^{XIV} SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Concepções de aprendizagem histórica presentes em propostas curriculares brasileiras. In: **História Revista - Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás**. V.14. nº01, 2009, p. 202-213 (p. 205).
- ^{XV} MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Loius. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.
- ^{XVI} HOBBSAWM, Eric. John Ernest. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (p. 59).
- ^{XVII} FALCON, Francisco José Calazans. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro. Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- ^{XVIII} BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ^{XIX} BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011; BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- ^{XX} BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1978.
- ^{XXI} BITTENCOURT, Circe. Maria. Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ^{XXII} BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. In: **História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História**. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2003. p.42-43.
- ^{XXIII} FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 7. Ed. Campinas: Papyrus, 2008. (p. 89).
- ^{XXIV} GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- ^{XXV} BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ^{XXVI} BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. p. 355.
- ^{XXVII} BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 2006.

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

- ^{xxviii} OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. In: **Revista História & Ensino**. Londrina, v. 9, out. 2003.
- ^{xxix} BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: A escola dos *Annales* e a Nova História. Volume V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ^{xxx} BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011
- ^{xxxi} FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- ^{xxxii} ETGES, Norberto. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari Paulo.; BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.). 9. ed. **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 60-94.
- ^{xxxiii} BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ^{xxxiv} MACHADO, Nilson José. Entrevista concedida à TV Univesp para elaboração de material didático para o Curso de Especialização em Ética, Saúde e Valores na Escola em 23 de março de 2011.
- ^{xxxv} LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ^{xxxvi} BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008. (p. 259).
- ^{xxxvii} LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ^{xxxviii} HOBBSAWM, Eric. John Ernest. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Referências

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Ltda. Lisboa. 1977.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: A escola dos *Annales* e a Nova História. Volume V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. In: **História & Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2017.
- BRASIL. **PARECER CNE/CEB nº 11/2010**. Homologado e publicado no D.O.U. de 9/12/2010, Seção 1, Pág. 28. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica> Acesso em 05 de julho de 2017.
- BRASIL. **PARECER CNE/CEB nº 492/2001**. Homologado e publicado no D.O.U. de 9/07/2001, Seção 1, Pág. 50. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>> Acesso em 19 de julho de 2017.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> Acesso em 21 de julho de 2017.

BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA

MÔNICA ANDRADE MODESTO

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2017.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1978.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- DUARTE, Regina Hora. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ETGES, Norberto. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari Paulo.; BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.). 9. ed. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- FALCON, Francisco José Calazans. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 7. Ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v.15, n.42, maio-ago. 2001.
- FREITAS NETO, José Alves. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- HOBSBAWM, Eric Jonh Ernest. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MACHADO, Nilson José. **Entrevista concedida à TV Univesp para elaboração de material didático para o Curso de Especialização em Ética, Saúde e Valores na Escola em 23 de março de 2011**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cNpTwy78Vvk>> Acesso em 23 de julho de 2017.
- MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.
- OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. In: **Revista História & Ensino**. Londrina, v. 9, p. 259-272, out. 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Concepções de aprendizagem histórica presentes em propostas curriculares brasileiras. In: **História Revista - Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás**. V.14. nº01, p. 202-213, 2009. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/8176/5871>> Acesso em 12 de julho de 2017.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

**BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS
PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E A PEDAGOGIA**

MÔNICA ANDRADE MODESTO